

Os tambores de São Luís: notas de leitura

Os tambores de São Luís: reading notes

Wagner de Souza^{1*}

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
e-mail: dswagner17@gmail.com

Em *Os tambores de São Luís* ([1978], 1985), de Josué Montello, destaca-se o narrador que fala pela personagem, os acontecimentos são descritos à distância. É um narrador que vê os fatos e vai gradativamente apresentando quadros da vida do herói. Praticamente todas as ações do herói são apresentadas através do filtro de um narrador que *conduz* a história. O herói Damião apresenta pouca competência ideológica e independência, tornando-se vacilante e por vezes esquecendo seus ideais, sua luta em favor da liberdade dos negros a que se propõe seguindo o exemplo do pai que fugiu e formou um quilombo, preferindo a morte a ter que voltar à fazenda, como escravizado. Damião não tem esta característica de lutador aguerrido.

As primeiras páginas do romance apresentam o herói já velho (80 anos), assistindo às danças da Casa das Minas. A visão que se tem do ambiente apresentado é de fetichismo e Damião é só um curioso. Compreende-se que o fato de Damião ser negro e o romance trabalhar a questão da etnia abarcando um longo período de luta e insurreições, da

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professor dos cursos de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel, Graduação e Pós-Graduação. Docente de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Literatura portuguesa atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira e portuguesa, pós-modernidade, literatura e história e literatura negro-brasileira. Pesquisa sobre literatura e história e literatura dos afrodescendentes. É membro do Grupo de Pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas diversas linguagens (CNPq) e do Núcleo de Estudos Comparados e Pesquisas em Literatura, Cultura, História e Memória na América Latina – (NuECP- PPGL/UNIOESTE). CV: <http://lattes.cnpq.br/3153040472321670>.

escravidão à liberdade, não implica necessariamente que o herói deva ser um adepto da Casa das Minas. Entretanto, o narrador distancia-o ao máximo de sua etnia e aproxima dos padrões dominantes, tanto que seu desejo é o sacerdócio católico, trazido pelos europeus e não o vodum cultivado na Casa das Minas.

Esta posição de distanciamento de sua etnia fica clara quando se lê: “a intenção dele era apenas ouvir um pouco os tambores e olhar as danças, sentado no comprido do banco da varanda de rosto voltado para o terreiro pontilhado de velas” (Montello, 1985, p. 11). Damião assimila rapidamente os conceitos europeus, sua cultura africana, isto é, tudo o que havia aprendido na senzala com os pais e os demais escravizados que lá viviam, ou ainda no quilombo, onde vivera parte de sua juventude com os negros fugidos. Tudo é suplantado para que adquira outros valores, ele “sentia necessidade de ir ali, levado por invencível ansiedade nostálgica, que *ele próprio, com toda agudeza de sua inteligência superior, não saberia definir ou explicar*” (Montello, 1985, p. 12, grifos meus).

Percebe-se que os tambores que ouve remetem-no para a África de seus ancestrais, funcionando apenas como algo que vai restituir-lhe a memória de sua origem africana. Assim, o herói “ouvindo bater os tambores rituais, se reintegrava no mundo mágico de sua progênie africana...” (*Ibidem*, p. 12). A Casa das Minas, no romance, é vista como culto das sociedades primitivas, ligada a uma concepção mágica do mundo. Por conseguinte, o herói, “com toda agudeza de sua inteligência superior”, não poderia aceitar o culto dos *voduns*, ele vai assistir levado por uma vontade nostálgica. Sua libertação estará ligada ao catolicismo, como se lê no romance, Damião ganhará a carta de alforria ajudando a rezar trezentas missas pela alma do Dr. Lustosa. Na página 132, presença do Deus *ex machina*, quando Damião está prestes a ser castrado e morto, Dr. Lustosa morre, com o chicote na mão, de ataque cardíaco.

O narrador apresenta o herói como pouco participativo da vida de sua etnia, mesmo em sua proposta de luta pelo fim do regime escravizador, sua ação é muito pequena se comparado com a grandiosidade do problema: acabar com a escravidão negra.

Restringe-se a alguns casos em que ajuda negros a fugirem ou escreve nos jornais contra o regime vigente. Só no final do romance, já decorridos muitos anos, quando muitas vozes clamam pela liberdade dos negros é que o herói desponta como abolicionista e consegue pôr em prática seu ideal.

Em sua existência, sempre foi ajudado pelos amigos que lhe deram condições de ascensão numa série de acasos. Em princípio vive parte da infância e juventude em liberdade, no quilombo do pai, onde aprende a ler. De volta à fazenda, vive uma vida difícil, enquanto escravizado, sendo perseguido pelo senhor. Com a vinda do prelado para a região, enche-se de emoção e fica deslumbrado com a presença do bispo, pedindo para ser padre. Depois, escapa à castração e à morte quando, subitamente, morre seu senhor no instante em que iria castrá-lo.

Sua mãe, Inácia, assim que terminada a missa, corre ao encontro de Damião aconselhando-o a unir-se ao bispo, pois este seria o seu salvador. Diz ela: “Te pega com o bispo. Vê se ele qué te levar pra ser padre” (*Ibidem*, p. 93). Veja que se entregando ao catolicismo, unindo-se aos brancos, e agindo como tal é que Damião terá sua liberdade garantida.

À noite, após a missa, celebração de casamentos e batizados, os negros tocam os tambores e “aquele baticum nervoso que só os negros sabiam tocar, restituía-o a si mesmo, numa noite africana” (*Ibidem*, p. 98). Restituía, enquanto memória da *mãe África*, pois na verdade seu desejo era sair dali ser padre, não se interessando pela Casa das Minas e tambores.

O que o encanta é a pompa, as roupas, os ritos da igreja católica. Tal encantamento talvez se explique pelo fato do herói nunca ter assistido a uma celebração de missa ou batizado antes com tanto luxo e formalismo como ele viu. Enquanto os outros negros tocam os tambores, o herói procura pelo bispo, diz do seu desejo de ser padre, demonstra ter uma memória fotográfica prodigiosa e, depois de muito sofrimento, parte para São Luís quase certo de que seria padre.

Percebe-se, assim, que no romance é o discurso autoritário, do senhor de escravos, que predomina. É interessante notar ainda que Damião, entre os negros escravizados, é o único cujo léxico aproxima-se da norma culta, variedade padrão. O narrador reproduz a fala dos outros escravizados mostrando deficiências lexicais. Veja-se por exemplo, um diálogo entre Miduca e Damião.

- Fala cuns pobre. A mode que tu não gostou de mim. Óia pra eu, Damião. Oiar não tira pedaço. [...] - Eu quero que tu me faça um fio...
- Deixa de ser assanhada, Miduca. Eu não quero saber de filhos (Ibidem, p. 88).

Por meio da linguagem, do catolicismo, do domínio do Latim, Damião assume o discurso da autoridade. De posse dele, assume todos os valores da sociedade burguesa dominante. Quanto mais ascende, mais se distancia de sua etnia, mesmo de seu propósito de luta em prol da liberdade dos negros.

Damião contempla o mundo pelo prisma do dominante, embora tenha sido escravizado. Uma vez livre, preocupa-se em estar ao lado do branco. Representa um arquétipo universal do herói que sofre as mazelas que lhe foram impostas no início, para triunfar no final. Ele é o *bom moço*, católico praticante, bom pai e, mais importante, não se insubordina contra os que detém o poder.

Desta forma, calando-se e apoiado naqueles que detém o poder, *tornando-se um branco*, (a única coisa que o difere de um branco é a cor da pele) o herói d'*Os tambores de São Luís* terá a recompensa no final do romance, tendo ainda em Benigna – por quem se apaixona – a imagem da mulher que seria o repouso do guerreiro.

Genoveva Pia, uma vendedora de doces, convida Damião a ir à Casa das Minas, mas a liberdade dele está no catolicismo, devendo para conseguir a alforria, ajudar em trezentas missas. Se conseguisse ordenar-se, insuflaria uma rebelião. Genoveva Pia, consciente de sua posição e próxima de sua etnia diz a Damião:

Antão tu vai ser padre? Eu até quero ver. Pretinho assim como tu, dentro da batina fazendo sermão para os brancos, que bom! Só quero ver pra crer. Mas tu precisa ir no tambor de mina [...] lá eu sou noviche, tenho o meu vodum, que anda comigo. Vai conhecer Mãe Hosana. É a nochê de nós todo. Tu é preto, e preto puro, de boa raça, como o teu pai. Te chega aos preto (*Ibidem*, p. 185).

Vê-se que não foi o que aconteceu: o herói não frequenta a Casa das Minas e antes de se “chegar aos preto”, prefere chegar-se aos brancos – contando com estes para o seu crescimento. Mesmo quando Mãe Hosana lhe diz “toda vez que você aparecer aqui, aqui é o teu lugar” (*Ibidem*, p. 263).

O narrador apresenta a consciência que o próprio Damião tinha de seu branqueamento, isto é, de ter se tornado um *quase senhor* frequentando a alta classe, sobretudo de ter assumido todos os valores desta classe social e tendo se esquecido de sua etnia.

Afinal reconhecia que aos poucos, gradativamente, desde que se alforriara, ele se viera bandeando para o lado dos senhores, e agora com estes se confundia, tanto no modo de viver, quanto no modo de trajar, sem ao menos dispensar a bengala de castão de prata e as luvas de pelica, enquanto os outros negros continuavam cativos, apanhando como ele havia apanhado (*Ibidem*, p. 315).

Quer parecer que o grande problema de Damião é o fato dele ser negro e não aceitar sua cor. Seu desejo é ser branco, pois como tal, não teria problemas de consciência em ver os outros negros escravizados apanhando e ele livre, professor, bem vestido e respeitado. Justifica-se dizendo: “Como professor do Liceu, tenho de andar assim” (*Ibidem*, p. 315).

Damião tem um relacionamento tão bom com os brancos e vice-versa que, quando proclama um discurso inflamado criticando a escravidão negra, ou antes de tudo criticando a violência policial, que causou a morte de sua amiga Genoveva Pia, seu

empregador, Sotero dos Reis, “pôs-se a dizer baixinho penalizado: “- Este homem endoideceu” (*Ibidem*, p. 350).

Quando o herói faz sua opção pelos negros, no sentido de tentar ajudá-los, percebe que a situação que ocupara outrora era mais cômoda e infinitamente mais confortável. O narrador mostra a atual situação do herói e sua luta.

Ao longo de quase três anos de desemprego, toda sua sonhada campanha se reduzira ao pequeno artigo que publicara no *O País*, numa véspera de Natal, entre dois anúncios de remédios contra males intestinais, sobre o contrabando de negros no litoral da Província (*Ibidem*, p. 366).

Assim, o herói continua sua batalha pessoal em prol da libertação, que evidentemente, aconteceria em mais ou menos tempo, independentemente de sua luta solitária ou não. É nesse ínterim que reencontra o amigo Barão, seu oposto. Este parece não estar preocupado com as lutas abolicionistas de Damião e de outras personagens que querem o fim da escravidão. Aliás, se dependesse do Barão Altino Celestino dos Anjos, o regime escravocrata permaneceria eternamente.

Numa conversa com Damião há dois pontos de vista essencialmente opostos: Damião viveu em liberdade (no quilombo de seu pai) e foi escravizado (na fazenda do Dr. Lustosa) empregando seus esforços no sentido da liberdade de todos os negros. O Barão, por sua vez, também conhece ambas situações, mas é um negro que deseja a permanência das senzalas: “- Mesmo assim, lá um dia dá na veneta de voltar a ser livre [...] e acabo vendo que o melhor mesmo é ser escravo” (*Ibidem*, p. 425). Ele é um negro sestroso, que quer a escravidão sim, mas sendo escravo do Major Siqueira – um senhor que trata o escravizado como alguém da família. Quando foi vendido para Donana Jansen, tratou de fugir para não sofrer nas mãos dela, pessoa conhecida pela crueldade para com os negros.

Numa segunda ocasião em que se encontram e dialogam, o Barão volta a expor suas teses acerca da mestiçagem e denota um preconceito racial contra a própria etnia.

“Estou convencido de que Deus fez o homem, mas foi o Diabo que lhe deu a cor” (*Ibidem*, p. 465).

Partindo desse pressuposto, percebe-se que o negro, sendo discriminado por causa de sua cor, à medida que se aproxima do branco deixará de ser inferior e assume seus valores, procurando igualar-se a ele. É o que acontece com Damião: ele não viola a regra imposta pela classe dominante e certamente subirá.

Nota-se que Damião, enquanto representante de um arquétipo, terá, no final do romance, sua recompensa, seu *happy end*, sendo colocado novamente na posição de *burguês* que ocupara. O herói sobe, fala contra a escravidão e por isso decai. Não havendo mais o regime escravista, Damião desponta como defensor dos negros e é restituído à classe dominante, está na posição de destaque novamente.

Altino Celestino dos Anjos, como ele pede, “me chame mesmo Barão. É como eu gosto que me chamem” (*Ibidem*, p. 22) fora escravo de Donana Jansen, lutou na Guerra do Balaio e desertou na primeira oportunidade. No quilombo de Julião, era o único que sabia ler e possuidor de várias habilidades. Quando destruído o quilombo, pede para ser amarrado enquanto os outros se desesperam em fugir da captura. A partir de então, não se tem notícia dele, só reaparecerá no capítulo 38, dado como fugitivo, fora vendido para o Major Siqueira.

Volta a reaparecer no capítulo 42, quando se encontra com Damião e expõe suas teses acerca da escravidão. A personagem é contraditória já que é favorável ao escravismo (mesmo sendo negro e escravizado) e ao apresentar dois lados opostos de senhores: Donana Jansen e Major. Mostra este como senhor perfeito, de quem todos gostariam de ser escravos, e aquela, como “uma peste”. Diz o Barão: “Eu sou contra essa história de acabar com o cativo. Acabar por que? Até hoje só não me dei bem com Donana Jansen. A velha era mesmo uma peste, e eu, para lidar com ela, não tinha a experiência que hoje eu tenho” (*Ibidem*, p. 424).

E continua ainda: “aqui me venderam para o Major Siqueira e foi um céu aberto. Boa comida, boa rede, trabalho maneiro, nada de cabo de enxada, só servicinho leve, que

não deixa calo na mão” (*Ibidem*, p. 425). Percebe-se que o Barão não se importa com o fato de ser uma *mercadoria* do senhor, ele mesmo diz “aqui me venderam para o Major Siqueira”. Para ter comida, rede e trabalho maneiro, prefere a escravidão. Nas ocasiões em que se liberta por meio da fuga, percebe que é melhor ser escravo. Afirma o Barão: “acabo vendo que o melhor mesmo é ser escravo, com um senhor a me dar casa e comida, e gostando de mim” (*Ibidem*, p. 425).

Numa conversa com Damião, diz-lhe: “tenho refletido muito sobre esse nosso cativo, e posso adiantar que tudo não passa de uma safadeza dos brancos contra os negros” (*Ibidem*, p. 427). Acerca da lei que proíbe o tráfico, cômico, afirma: “a escravidão do negro africano pelo negro já era uma violência nojenta. Desde 1831, com os pretos de contrabando, é um crime ainda pior” (*Ibidem*, p. 428). Soa estranho, pois se dizia contrário à liberdade, em seguida julga a escravidão *safadeza* e algo *nojento*.

A personagem é contraditória, nela subsistem dois indivíduos: o conservador e o revolucionário, quando quer acabar com a escravidão (mesmo a seu modo, com o branqueamento por meio da mestiçagem), ou quando julga o cativo uma safadeza dos brancos contra os negros; ou ainda quando diz que a escravidão do negro africano pelo negro já era uma violência nojenta. Entretanto, mostra-se conservador em momentos em que afirma: “quem vier conversar comigo sobre carta de alforria, está me ofendendo. Não quero saber de liberdade”. Ou ainda a citação em que diz ser contra esta história de acabar com o cativo. “Acabar porque?” E para finalizar, conclui que o melhor mesmo é ser escravo, com um senhor que lhe dê casa e comida.

O Barão, dependendo de onde e como está, age de forma diferente. Quando fora escravo de Donana Jansen, tratou de fugir, dizia que a velha era mesmo uma peste. Nesta situação, opta pela liberdade por meio da fuga. Quando vendido para o Major Siqueira, muda de ideia, louvando a escravidão como a melhor coisa do mundo, “um céu aberto”, no dizer do Barão.

Sendo uma figura picaresca, nele o que pensa é o estômago e o bem-estar: casa, comida, boa rede, servicinho leve

Não imaginas como o Major me trata. É Barão pra cá, é Barão pra lá, e *sempre pedindo meus conselhos*. [...] Os netos dele, quem ensinou a ler foi aqui o Barão. Quem lê o livro de homeopatia, para ver o que os meninos têm, quando caem na rede, é também aqui o Barão. [...] Só não gosto de lavar prato. *Prato, não - digo logo. O Major lava. Lava como a cara dele, mas lava (Ibidem, p. 431, grifos meus)*

O Barão é um negro que tem sua ascensão (ou supostamente ascende, pois ele é escravo do Major Siqueira, por conseguinte, não seria possuidor de nenhum bem, nem de si mesmo) exatamente por características próprias, contrário ao herói Damião que ascende quando se junta aos brancos. Sintetizando, o Barão se sobressai pela malandragem, ele troca de papel com os senhores, foge quando a escravidão não lhe convém e volta para a casa do Major quando se cansa de ser livre; ao passo que Damião sobressai por incorporar os valores da alta sociedade, da elite, sendo um conhecedor de Latim e conceituado professor.

Bastante instigadora é a observação de Bakhtin ao dizer que “através de toda construção do seu romance, o autor não fala *do* mas *com* o herói” (Bakhtin, 2008, p. 54), referindo-se ao herói de *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski. Partindo desse pressuposto, o Barão seria a própria representação da sociedade, *alter ego* do autor incorporando todos os estereótipos atribuídos à etnia: a do negro fiel (no caso do Barão quando lhe convém), dado às palhaçadas, sestroso, indolente.

A forma de que se utiliza para combater a escravidão está calcada no branqueamento, a mistura de raças que levaria ao fim da escravidão, pois se não existissem mais negros, não existiriam mais escravizados. Comenta o Barão:

– Eu tenho um modo muito meu de combater a escravidão. Sempre que posso, papo uma branca, mesmo feia, e deixo um filho na barriga dela [...] devo ter feito, com a força de meu birro, mais de duzentos mulatos e mulatas, que andam por aí. Esses mulatos e essas mulatas se cruzaram com brancos e brancas, e os mestiços que daí nasceram são quase brancos como os brancos

de olho azul. Já tenho netos de pele clara, que dá gosto de olhar. [...] Com o tempo é isto que vai acontecer no Brasil: os brancos comem as negras, os negros comem as brancas, e os filhos destas benditas trepadas irão desbotando de uma geração para a outra. [...] E como o preto, todas as vezes que se mistura com o branco, se esconde na pele desse branco, nossos mestiços vão pensar que são brancos, e com essa novidade: sem ter ódio dos negros, e até gostando deles. Um belo dia, vai-se ver, não há mais branco para mandar em preto, nem preto para ser mandado, e aí acabou o cativoiro (*Ibidem*, p. 428).

Note-se que o branqueamento via mestiçagem, pelo grande contingente de negros no país, não deu certo. Acrescente-se a isso o fato de que as negras e mulatas foram as vítimas de abuso sexual pelos brancos e poucos foram os mulatos que deixaram de ser escravos e assumidos como filhos legítimos do senhor.

É notável, ao analisar a figura do Barão, que este está preocupado com a própria sorte, não se importando com os destinos de sua etnia.

Pra encurtar a conversa: quem vier conversar comigo sobre carta de alforria, está me ofendendo. Não quero saber de liberdade. Dá muito trabalho, e também muita despesa. O bom mesmo é ter um senhor como o meu Major – que me dá casa, comida, roupa lavada, charuto, sapatos e ainda me faz uns agrados (*Ibidem*, p. 431).

Adiante, no capítulo 46 o Barão volta a reaparecer e reafirmar as mesmas teses outrora propostas: “essa briga de preto com branco, aqui no Brasil, vai acabar mais depressa do que se pensa. E acaba devagarinho – na rede ou na cama, conforme o gosto, ou até mesmo no chão, em cima de uma esteira. Daqui a pouco, quando se quiser ver mesmo um preto, não tem mais para ver, está tudo desbotado” (*Ibidem*, p. 465).

Uma outra contradição que se percebe nesta personagem é quanto às formas de expressão de sua etnia. Questiona o Barão: “o chefe de polícia proibiu os fandangos, os torés, as cheganças e os congos? Considero isso mais grave que o crime de Donana Rosa Ribeiro” (*Ibidem*, p. 470). Ora, como diz o próprio Barão, em pouco tempo não haveria

mais negros e se estes se escondem na pele dos brancos, aparentemente não haveria motivos para preservar a cultura africana.

O Barão Altino Celestino dos Anjos tem uma visão unilateral acerca da escravidão, ou seja, ele a enxerga apenas pelo prisma racial, e a forma de combater o cativo por meio da miscigenação, tanto que afirma: “quando quiser ver mesmo um preto, não tem mais para ver, está tudo desbotado”, e não havendo negros não haveria escravizados. É claramente o pensamento de Montello.

Em sua última aparição no romance, o Barão, que sustentava a ideia de que uma rebelião no país seria quase impossível, graças ao grande número de mestiços, acaba liderando um grupo em luta contra a polícia. “dir-se-ia ser ele o chefe da marcha vingativa: estava outra vez entre os Balaios, pelejando por Dom Cosme Bento das Chagas, Tutor e Imperador das Liberdades Bem-te-vis” (*Ibidem*, p. 507).

A leitura do enfadonho romance reforça a tese de uma literatura sobre o negro, é a fala e a concepção do autor acerca da escravidão, alinhado à concepção de Freyre em *Casa grande e senzala* (2002). É uma narrativa trivial de direita, no dizer de Flavio Kothe (1990), que culmina no *happy end* e narrativa de estrutura simples, na expressão de Affonso Romano (1990), já se sabe de antemão o desenrolar da trama. Pretende ser um manual de virtude e boa conduta, conforme expressão de Candido (1993), e, finalmente, repete as receitas, citando Bosi (x), para uma narrativa enfadonha, equivocada, mas que agrada certamente a classe dominante, outrora dona de escravos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

FREIRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Edição crítica de Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Edson Fonseca. Paris: Allca XX, 2002.

KOTHE, Flavio. *A narrativa trivial*. Brasília: Editora UnB, 1994.

MONTELLO, Josué. *Os tambores de São Luís*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1990.

Data de recebimento: 27/07/2024

Data de aprovação: 27/09/2024